

Articulação psicossociológica sobre a “cidade ideal”: como compreender um vulcão atizado e adormecido pela Copa do Mundo de futebol?

Psychosociological articulation about the Ideal City: how can we understand a volcano fanned and inactivated by the FIFA World Cup?

Carolina Carneiro Rocha¹
Renata Lira dos Santos Aléssio²

RESUMO: A cidade desejada pelos habitantes tem cada vez mais se tornado tema de debates em espaços diversos, dos formais aos cotidianos. No Brasil, este fenômeno se ampliou, especialmente a partir de 2013, quando as Jornadas de Junho deram ênfase aos diversos problemas pelos quais têm passado os moradores urbanos, trazendo a pauta ao centro das atenções e conquistando a adesão de milhares de pessoas a passeatas de rua, como há muitos anos não se via no país. Teria todo este fervor esfriado em 2014, sob efeito das emoções pela realização da Copa do Mundo de Futebol ou a herança dos megaeventos tornará a esquentar o cenário urbano nacional? É essencial que os psicólogos sociais se envolvam na compreensão deste processo, contribuindo ativamente com o debate e com as ações a serem tomadas para melhorar a qualidade de vida e o convívio dentro das cidades. Uma abordagem que tem se mostrado frutífera neste intento é a articulação psicossociológica, proposta por Willem Doise e colaboradores, que defendem a superação da clivagem entre análises centradas no indivíduo ou na sociedade e a direção do olhar dos pesquisadores para as transformações societais por que passamos, atuando a partir da necessidade de mudanças sociais.

Palavras-chave: copa do mundo de futebol; cidade ideal; jornadas de junho; psicologia social; articulação psicossociológica.

ABSTRACT: The city desired by the inhabitants has increasingly become a topic of discussion in many places, from the formal to the ordinaries. In Brazil, this phenomenon has expanded especially after 2013, when the event known as “Jornadas de Junho” (June Journeys) emphasized many problems that the urban residents have been facing, bringing the topic to the limelight and gaining membership of thousands of people to street protests, like there wasn't been seen in many years in the country. Would all this fervor cooled in 2014, under narcotic effect of emotions by hosting the FIFA World Cup or the inheritance of mega-events will inflame the national urban setting? It is essential that social psychologists implicate themselves in understanding this process, actively contributing to the debate and the actions to be taken to improve the quality of life and the social relations in cities. One approach that has been fruitful in this endeavor is the psychosociological articulation proposal by Willem Doise and colleagues, who defends the overcoming of the cleavage between analyzes focused on the individual or society and the direction of the researchers view to the societal transformations, acting from the need for social changes.

Keywords: FIFA world cup; ideal city; june journeys; social psychology; psychosociological articulation.

Introdução

Esfriou. A Copa do Mundo de futebol, tema de controvérsias e manifestações no Brasil desde que este se tornou sede do evento de 2014, conseguiu esfriar os ânimos, maquiagem os

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: carolinarochoa.psi@gmail.com.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco - Recife, Pernambuco, Brasil.

percalços e fazer deste junho um mês especialmente festivo, cuja exibição televisiva de multidões gritando gol está distante da de junho passado, em que estas bradavam gritos bem menos amistosos. Até quando durará o efeito? Terão as Jornadas de junho de 2013 tornado-se fato histórico? Passadas as emoções do evento, qual será o impacto deste ciclo diferenciado de investimentos públicos sobre a população? Como o público que “acordou” para os processos urbanos discutirá pautas sobre a cidade desejada em um ano eleitoral?

Estas perguntas seguirão durante os próximos meses, cabendo aos psicólogos sociais estarem atentos ao processo de formulação de ideais de cidades e às transformações psicossociais geradas pelos últimos acontecimentos. A população projeta o contexto urbano enquanto desfruta dos múltiplos e contrastantes modos de vida que ele nos proporciona. Compreender o conteúdo, o contexto e as bases deste processo deve ser um estímulo permanente para pesquisas em Psicologia Social.

Um tema tão complexo não pode ser reduzido a uma única perspectiva, seja no binômio indivíduo-sociedade, nas visões do fenômeno mais psicológicas ou sociológicas ou na adoção de uma metodologia puramente qualitativa ou quantitativa. Assim, a perspectiva da articulação psicossociológica, desenvolvida por Doise e colaboradores, apresenta-se como um posicionamento teórico frutífero, por se situar nas fronteiras destes espaços e retornar o olhar psicológico aos sistemas sociais que, segundo ele, estavam sendo esquecidos.

A cidade ideal, seus usos e os megaeventos

Podemos supor que a pauta da cidade adormeceu temporariamente, mas não se calou. A vida urbana tem sido o pano de fundo de muitos movimentos nos últimos anos em diversos países, incluindo o Brasil. A população em grande parte do mundo vem se ocupando da discussão sobre ideais de cidade e suas concretizações. Considerando que, em 2010, 50% da população mundial (Fundo das Populações das Nações Unidas, 2011) e 84,4% da brasileira já estava nas cidades (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010), pensar sobre a vida dentro delas é olhar para o cotidiano da maioria das pessoas. É lidar com um ambiente múltiplo, repleto de possibilidades e não menos de problemas. Cada habitante rotineiramente idealiza a cidade que deseja, em atos e pensamentos mais ou menos conscientes.

Muitos dos embates de opinião em torno da questão urbana relacionam-se aos usos sobre a cidade, especialmente se ela é vista como mercadoria ou espaço de convívio. A cidade-mercadoria atende a interesses individuais e é defendida pela necessidade de se atrair investimentos. Porém, a quem interessa a exploração do espaço urbano voltada para a valorização do consumo? O seu aproveitamento pela maioria da população é prejudicado, a verba pública é investida em uma pequena parte da cidade e a renda gerada é desigualmente distribuída, agravando os problemas sociais. Por outro lado, a cidade como espaço de convívio prima pela redução das distâncias sociais e pela ocupação do espaço público, pautando-se no direito à cidade, sendo este:

...o direito de todos nós a criarmos cidades que satisfaçam as necessidades humanas, as nossas necessidades. [...] não é o direito de ter [...] as migalhas que caem da mesa dos ricos. Todos devemos ter os mesmos direitos de construir os diferentes tipos de cidades que nós queremos que existam. [...] não é simplesmente o direito ao que já existe na cidade, mas o direito de transformar a cidade em algo radicalmente diferente (Harvey, 2011).

Portanto, o direito à cidade pressupõe espaços de negociação acessíveis a toda a população, espaços de participação em que sejam discutidos os projetos de cidade que se deseja realizar. Porém, o capitalismo não permite acesso ilimitado ou negociação horizontal, e sua relação com a construção das cidades é estreita e histórica, limitando o poder de ação dos cidadãos. Por isso se faz necessária uma luta contra o capital (Harvey, 2011), o que de certa forma presenciou-se no “não são só 20 centavos” das Jornadas de Junho. Há anos os movimentos sociais travavam lutas diversas e ainda dispersas. A Copa do Mundo certamente foi fator determinante para sua conversão. Além do contexto gerado pelos grandes investimentos e pelas transformações que provocam, os megaeventos atualizam com intensidade o papel das cidades consequente do neoliberalismo, sendo vistas como empresas em competição, servindo a necessidades de acumulação e circulação do capital. Neste modelo, o Estado não deve interferir na cidade nem na sociedade e deve atender a um planejamento voltado ao mercado (Vainer, 2013).

A manifestação de um grupo outrora silencioso

A situação atual das metrópoles é de grande insatisfação popular com as gestões e de disputas de posicionamentos, sutis ou explícitas, que têm alterado os ânimos da população e exposto suas divergências, tornando-a um interessante campo para se estudar o jogo de consensos e dissensos que compõem a construção de projetos de cidade por seus habitantes. A relevância do estudo deste tema se explicita na mobilização que provoca, visto que indivíduos da cultura ocidental capitalista, apontados como materialistas e egoístas e acusados de estar a muitos anos afastados de grandes questões políticas e sociais (Judt, 2011), estão saindo de sua paralisia. Há verdadeiras batalhas de sentidos e objetivos entre os atuais movimentos em torno da questão urbana e internamente a eles (Žižek, 2013), refletindo conflitos que atravessam a população. Buscar tais conteúdos sobre as cidades é entrar na intimidade de seus habitantes, no intuito de iluminar os debates necessários à melhoria de sua condição.

As Jornadas de junho de 2013 mobilizaram as atenções de todo o país e levaram milhares de pessoas às ruas. Um grupo chamou a atenção de estudiosos: sujeitos cujos direitos básicos vêm sendo historicamente garantidos, e que agora parecem estar incomodados com as mudanças políticas que afetam seu cotidiano. O teor de suas pautas e as motivações para o seu envolvimento ainda dividem opiniões dos críticos, que os alocam desde a base do movimento (Boito, 2013) a um local de alienação e desvirtuação de seus propósitos (Oliveira, 2013). Como se pode ver, há muito a ser debatido.

Pode-se compreender que as mudanças econômicas nos governos petistas geraram significativas “perdas de terreno” desta parcela da população, em vários sentidos. Suas marcas de *status* foram mitigadas: o diploma universitário não mais garante boa colocação no mercado de trabalho nem estabilidade financeira; a relação entre patrões e empregados reestruturou-se pelo aumento de direitos trabalhistas e do poder de consumo das classes baixas. Enfrentam ainda cada vez mais dificuldades em substituir os equipamentos públicos de educação, saúde, lazer e transporte, de baixa qualidade, por serviços e espaços privados, estratégia que até pouco tempo garantia seu conforto sem comprometer seu orçamento. Este sofreu redução relativa também devido a não correspondência entre o aumento de tributos e inflação e o aumento dos salários, que não costumam seguir o salário mínimo.

Outra “perda de terreno” em cidades brasileiras dá-se pela sensação de insegurança gerada pela expansão da violência e vista no esvaziamento das ruas e no incremento do

aparato de segurança particular. Esta questão é relevante por engajar em sua constituição uma série de fatores que dizem muito da realidade social das metrópoles capitalistas, especialmente nos países ditos “em desenvolvimento”, e que ilustram a relação deste público com a cidade. Historicamente, os processos de individualização, perda de vínculos comunitários, desregulamentação estatal e substituição das relações de solidariedade pelas de competição fragilizaram a experiência cotidiana dos sujeitos (Bauman, 2009).

O mundo vem sendo organizado por relações de mercado, que criam condições de vida locais (Bauman, 2009). As cidades tornaram-se depósitos dos problemas da globalização, espaços de fluxo de mercado em competição por investimentos. O limite de atuação da política é local circunscrito aos efeitos das questões mundiais, cabendo aos cidadãos uma tarefa árdua: encontrar soluções locais para problemas globais. O mundo virtual criado pela globalização das relações soma-se à deterioração das cidades motivando a desvinculação dos mais ricos dos espaços públicos, sua não identificação com o lugar de moradia e um desinteresse por seus problemas. Estes se tornaram cidadãos globais, com vínculos virtuais, cujas casas devem lhes proteger ao invés de integrar, isolados também em locais de trabalho e de socialização. A paisagem urbana denuncia “espaços de valor” conectados a outros em cidades distantes que afastam seus frequentadores de pessoas fisicamente próximas, mas social e economicamente distantes. Sem vínculos comunitários, agarram-se à vigilância do ambiente, numa paranoia securitária fortemente explorada pelos setores imobiliário e de segurança particular. Restavam ao contato com a cidade os percursos pelas ruas, mas os engarrafamentos e a violência extravasada da periferia têm feito do carro um local inseguro, que precisa ser blindado.

Esta segregação não é apenas espacial. Os muros levantados aprisionam os que estão fora deles a uma realidade difícil de lidar. Tal processo forma descartes, espaços abandonados destinados a pessoas expulsas das áreas de circulação das classes abastadas (como visto nas periferias dos estádios). A polarização social cresce, intensificando redes de trocas globais típicas das classes altas e redes locais fragmentárias das classes baixas. A configuração cada vez mais perversa do sistema capitalista, voltada à otimização dos recursos da produção, gera pessoas inativas economicamente cuja situação de exclusão é vista como irreversível. Estas viraram supérfluos formando, junto aos criminosos, as novas “classes perigosas”, que atrapalham o sistema e devem ser impedidas de criar problemas e mantidas à distância dos cidadãos “de bem” (Bauman, 2009).

Estranha seria tal situação se nos focássemos apenas no aspecto mais atrativo da vida urbana: a mixofilia, ou interesse pela mistura. As cidades, celeiros de oportunidades, sempre atraíram intenso fluxo populacional. Porém, junto a este processo está a mixofobia, o medo do outro desconhecido cujos atos são difíceis de prever. O que torna este convívio ainda mais complexo é o fato de que, embora os ricos possam se afastar virtualmente dos espaços e problemas públicos, é na realidade do compartilhamento da vida que se dá a experiência humana, é nela que as pessoas dão sentido à existência e buscam sua identidade. Esta necessidade não pode ser ignorada (Bauman, 2009).

Com base nesta premissa, cremos que tais incômodos acabam fomentando as iniciativas de transformação da realidade local que têm tomado parte do cotidiano, especialmente no último ano. Como dito anteriormente, a realização da Copa no Brasil é a expressão mais recente e radical do uso mercadológico da cidade. Por outro lado, fez com que a população se movesse, mesmo que relativa e controvertidamente, em torno de causas comuns. O direito à mobilidade misturou-se fortemente ao tema dos megaeventos contra

sua lógica de gentrificação e limpeza social, e a outras pautas da questão urbana (Rolnick, 2013), levando a uma revolta conjunta contra o “padrão FIFA” de tratamento da sociedade.

Psicologia Social e pautas urbanas

A psicologia social deve atuar como ponte entre a psicologia e as ciências sociais, sem ser subordinada a nenhuma das outras e dispor de métodos que extrapolem suas fronteiras. Tal definição de Moscovici é cara a Doise, pois supera a clivagem entre análises centradas no indivíduo ou na sociedade, estimulando sua proposta de articulação psicossociológica (Doise, 2002). Em recente artigo, Doise aponta desafios para a psicologia social no Brasil, uma comunidade acadêmica frutífera, mas que pouco dialoga. Para ele, é a necessidade de mudanças sociais que deve produzir psicólogos sociais, não o contrário. Isto é dificultado pela adesão de pesquisadores a uma visão de mundo determinista que limita sua atuação sobre o social. Incentiva-os a aderirem a concepções mais societárias e a iluminarem a lacuna entre as expectativas e a realidade social para gerar conflitos cognitivos e assim fomentar mudanças sociais (Doise, 2013).

O Brasil passa por mudanças societárias e cabe também aos psicólogos sociais investigar quais rumos estas tomarão. Inseridos no contexto de debates sobre a cidade que, cremos ainda se estenderá por muito tempo, devem estar ativos não somente na compreensão das novas configurações psicossociais trazidas pelos últimos eventos, mas também na intervenção sobre eles. O vulcão da cidade parece estar acordando novamente.

Referências

- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Boito Jr., A. (2013). *O impacto das manifestações de junho na política nacional*. Recuperado em 11 dezembro, 2013, de <http://www.brasildefato.com.br/node/15386>.
- Doise, W. (2002). Da Psicologia Social à Psicologia Societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 27-35. Recuperado em 12 novembro, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a04v18n1.pdf>.
- Doise, W. (2013). New challenges for Social Psychology in Brazil. *Estudos de psicologia*, 18(1), 33-36. Recuperado em 7 novembro, 2013, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v18n1/07.pdf>.
- Fundo das Populações das Nações Unidas. (2011). *Relatório sobre a Situação da População Mundial 2011*. Recuperado em 13 dezembro, 2013, de <http://portaldocohecimento.gov.cv/handle/10961/177>.
- Harvey, D. (2011). *Direito à Cidade*. Recuperado em 2 dezembro, 2013, de <http://www.deriva.com.br/?p=46>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo 2010*. Recuperado em 13 dezembro, 2013, de <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=9&uf=00>.
- Judt, T. (2011). *O mal ronda a Terra: um tratado sobre as insatisfações do presente*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Oliveira, P. R. (2013). *A classe média vai ao protesto II*. Recuperado em 2 outubro, 2013, de <http://blogdaboitempo.com.br/2013/07/04/a-classe-media-vai-ao-protesto-ii/>.
- Rolnik, R. (2013). As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In E. Maricato et al. *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo.
- Vainer, C. (2013). Quando a cidade vai às ruas. In E. Maricato et al. *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo.
- Žižek, S. (2013). Problemas no Paraíso. In E. Maricato et al. *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Boitempo.